

O Festival, o fundo do poço e a longa transição

**Fernando Mesquita
Severino Francisco**

Uma verdadeira unanimidade na desgraça. Praticamente todos os diretores e produtores significativos do cinema brasileiro apontam como causa da crise a escandalosa falta de recursos que amparem uma produção mínima de obras de qualidade. Resultado: desalento, frustração, auto-ironia.

Não que falte tenacidade ou desejo de expressão aos profissionais de cinema. É de se surpreender que, em condições tão injuriantes, um punhado de teimosos e apaixonados pela imagem e som em movimento ainda continuem expondo seus roteiros e projetos à incompetência e à frieza burocrática e à indiferença de uma sociedade que se recusa a investir míseros 30 milhões de dólares em cinema. Míseros 30 milhões que garantiriam uma safra anual mínima de uns 40 filmes — ressalva uma escolha (nos termos dos cineastas) **pluralista**. Trinta milhões de dólares para tirar o cinema brasileiro do estado de coma: metade do custo de uma grande produção americana atual.

Nessas condições, a verdadeira comédia de enganos que foi o Festival de Brasília, da escandalosa ausência de público ao ambiente de consumo burlesco do ParkShopping, do óbvio baixo nível dos filmes exibidos ao ti-ti-ti engravatado de burocratas e oportunistas voejando em torno de aparatos culturais em de-

composição, tudo isto é importante pelo seu poder quase obscuro de revelação: trata-se de um "retrato projetado" do cinema brasileiro. Ou melhor: da sociedade brasileira num momento de fundo de poço. No qual cabe a pergunta: "Festival, pra que?".

Produção

O cineasta Júlio Bressane (**Tabu, Brás Cubas**) tem uma visão dramática do atual momento do cinema brasileiro: "A função de um festival como este de Brasília, hoje, é contribuir para um renascer do cinema brasileiro. O cinema brasileiro necessita de produção e seus problemas não vão ser resolvidos com festivais de burocratas". E explica: "No Brasil, o cinema depende do Estado. No Brasil, o produtor cinematográfico ainda é uma figura exótica. Fazer cinema continua sendo um fato heróico. A produção de 50 filmes — o que seria uma meta de produção razoável — exige uma inevitável participação do Estado. E esta participação tem sido uma coisa extremamente mal feita pela Embrafilme". Para Bressane, a atual fase de crise aguda na produção é também uma fase de expectativa. A solução estaria em "reiniciar um novo tempo, com uma nova concepção de produção, que contemplasse a pluralidade". O que quer dizer investir "num cinema menos arcaico, mais leve e criativo. Deveríamos ter uma safra de filmes com contraste. Isto é, com vários tipos de produção". Finalizando, Bressane afirma que os cineastas têm encon-

trado receptividade por parte do ministro José Aparecido, da Cultura, para estas colocações. "Pelo menos nesses primeiros momentos, ee tem uma excepcional determinação para tocar projetos. No caso do Saiaceni, por exemplo, cujo filme (**Esse Natal de Portela**) estava emperrado, ele interveio imediatamente".

Cópia

Arlindo Machado (crítico e professor universitário) tem uma visão geral negativa dos festivais brasileiros: "Em geral são eventos não muito bem definidos, sem tradição de debate; vira mais um desfile de narcisistas, um acontecimento sob o império do ego. Sem falar no emperramento burocrático de tudo". Um festival pode ser uma vitrine para novos lançamentos como é o caso de Cannes, Veneza, que também são intensos acontecimentos turísticos. Ou, então, um evento de alto nível "que desencadeie uma discussão rica". Para ele, "nenhuma dessas alternativas é o caso brasileiro". Os nossos festivais são uma cópia degenerada dos festivais internacionais e acabam não tendo papel: "Não são eventos decisivos".

Em lugar de festivais, Arlindo acredita que seria muito mais eficiente a realização de "encontros de trabalho" como o **Sigh Graph** do pessoal de vídeo, computação gráfica: "É uma feira anual, para discussão de problemas. Questões de legislação etc. Não há premiação, concorrência. É uma reunião de trabalho do pessoal da área. Todo mundo mostra trabalhos, troca experiência, discute,

No final, edita-se uma fita do evento. E quem não participa, fica desatualizado, tal a velocidade de criação no vídeo".

Mudança infeliz

Cecílio Neto, autor do curta **Três moedas na fonte**, acha que "os festivais funcionam melhor em cidades pequenas, onde há menos dispersão dos eventos e se torna mais fácil o convívio entre a população e a imprensa". Cecílio se diz surpreso com a falta de pompa e circunstância do Festival de Brasília, "pois é uma encenação necessária para dar uma agitada no evento. Fica a impressão de que o Festival não aconteceu este ano. Não houve público, a parte do público não aconteceu".

Maria Luiza Aboim (melhor curta de 87, **Cidadão Jatobá**) diz que o Festival de Brasília está sendo mantido "só por uma questão de tradição". E acrescenta: "Não temos produção. Essa é a grande questão do cinema brasileiro. Por isso, muitas vezes os debates têm sido mais importantes do que os filmes, como no caso do Fórum de Cineastas ou do Conselho Nacional de Documentaristas". Para a cineasta, a mudança do Festival para o ParkShopping "foi muito ruim, principalmente para a população". O público do ParkShopping não é o público do cinema. "Fica todo mundo meio perdido".

Retrato

Rogério Costa Rodrigues, crítico, acompanha o Festival de Brasília desde a fundação. "Acho que, qualquer

que seja a situação da indústria do cinema, é importante, historicamente, o Festival de Brasília sobreviver. Agora, o Festival de Brasília está dando um retrato do cinema brasileiro que não corresponde à realidade". Para Rogério, o quadro atual pode — inclusive se agravar "se a organização do Festival não tomar providências no sentido de convidar realizadores importantes para participar do Festival". E acrescenta: "Este Festival só terá sentido se tiver, em sua organização, pessoas que trabalhem com paixão pelo cinema e não apenas por dever burocrático de calendário. Desde o início eu tive certeza de que esta mudança do Festival para o ParkShopping não daria certo".

Hermano Penna, diretor de **Freteira das almas** não concorda com a opinião de que o Festival de Brasília esteja se esvaziando: "É o cinema brasileiro que está se esvaziando". Ele também não concorda que haja festival demais: "O que existe são filmes de menos. Em um país como Portugal você tem três festivais internacionais e uma série de outros festivais específicos. Na Espanha, a coisa é maior ainda. A crise do Festival de Brasília é um retrato do cinema brasileiro. As pessoas se orgulhavam muito de o Brasil produzir 100 títulos por ano. Garanto que dois terços eram sexo explícito. Se fizemos 20 filmes este ano é muito. Não adianta mudar a organização do Festival de Brasília, se você não atacar primeiro a questão da produção".